

MEMÓRIA

CONFERÊNCIA REALIZADA NA ACADEMIA DE CIÊNCIAS, ARTES E LETRAS DO CEARÁ, LOCALIZADA NO RIO DE JANEIRO (1994)

ANTÔNIO NUNES MALVEIRA
(PEDRO II e ABRAFIL)

Leonardo Ferreira da Mota nasceu em Pedra Branca, no dia 10 de maio de 1891, sendo seus pais, Leonardo Ferreira da Mota e Maria Cristina da Silva Mota. Terminou o curso de preparatórios no Liceu do Ceará, em 1909, depois de seus estudos em escolas primárias de sua cidade natal, bem como no Quixadá, no Seminário de Fortaleza, 1903, no Colégio São José, do Mosteiro de São Bento na Serra do Estevão-1904 a 190. Frequentou as Faculdades de Direito, do Ceará e do Rio de Janeiro, bacharelando-se nesta em 1916, cujo curso interrompeu por necessidades econômicas, indo lecionar em Guaramiranga e no Ipu.

Naquela cidade fundou o jornal *Gazeta do Sertão* em 1913, prova evidente de sua vocação para a imprensa. De volta a Fortaleza foi redator do *Correio do Ceará* e diretor da *Gazeta Oficial*. Pertenceu ao Instituto do Ceará e à Academia Cearense de Letras.

Leonardo Ferreira da Mota ocupa posição *ex cathedra* em nossas letras e, que, desde cedo se preocupou com as nossas tradições, estudando provérbios, crenças, contos, canções populares, numa época, em que a maioria dos intelectuais brasileiros se apegavam à cultura clássica, como fonte de conhecimento. Era um homem, segundo aos autores, desprendido de certos requintes, inseridos na alma vaidosa do cidadão de formação superior.

Muitos, e não eram poucos, os que fugiam do povo; e distanciavam-se dele; e quem assim o fizesse não produziria obra autêntica, de acordo com a concepção ainda reinante na época.

Leonardo Mota, não, acercava-se da classe humilde, brasileiros, como nós outros, porquanto ali se achava a fonte da espontaneidade, da poesia e da beleza, as raízes de uma linguagem que não devia perder-se no tempo e no espaço- era indispensável registrá-la para a posteridade. E ele o fez com o carinho do pesquisador, com a paciência do cientista que coloca a Pátria acima dos homens, das vaidades, cuja essência é instável e, por isso, mais cedo ou mais tarde, perder-se-á no turbilhão do tempo. Só a verdade permanecerá pra testemunhar o avanço das civilizações.

Quem ler suas obras com olho clínico, percebe nitidamente que Leonardo Mota tinha uma intuição linguística, muito além de seus contemporâneos, por isso, penetrou na seara dos estudos filológicos, entendendo que as palavras de uma língua

nascem, desenvolvem-se, debilitam-se e morrem, como tudo que está sujeito às leis da criação. Mas muitos vocábulos lutam pela vida, se reproduzem e deixam atrás de si derivados.

No entanto, outros se diluem na ampulheta do tempo, sem descendentes para o futuro, o que, somente com o passar, às vezes, dos séculos o filólogo arguto, atendo aos fenômenos linguísticos, procura compor fatos que, às mais das vezes, não é mais possível, porque com eles se foram os falantes.

Até a língua triunfante que sai intacta de suas lutas políticas, econômicas e sociais, apesar de idioma vitorioso, não deixa de levar as marcas da resistência na sua alma vocabular.

Compreendeu, ainda cedo, no seu tempo, que os idiomas se submetem às ações sociais; e graças a essa intuição linguística, a esse voo de sonhador, ele saiu pelo sertão registrando um patrimônio que já transpôs, creio eu, os umbrais de nossas fronteiras. Para analisar sua obra, com critério, à luz da ciência, é imprescindível que o crítico tenha uma formação específica, sólida, abrangente, meditada, sem o que poderá chegar a conclusões estranhas à ciência da linguagem.

O título de suas obras é simples, tão simples como as verdades eternas, que resistem ao debate das ideias e das filosofias. Leonardo Mota foi, sem dúvida, um pesquisador, e, como tal, mergulhado no seu mundo, e nas suas investigações contínuas passou sua existência, não como um substitutivo da vida em si, mas como uma manifestação vocacional, sempre à procura dos valores folclóricos, através do pendor literário que soube usá-los a serviço de uma cultura variada e múltipla.

Ele soube especular, aliás, com perspicácia, desvendar, descobrir os fenômenos de uma cultura que ele se dispôs a estudar, observando o processo lógico e linguístico dos fatos e, para isto, não basta a inteligência, porém é indispensável que a mente aceite logicamente a existência do objeto. E esse sentido racional e intuitivo nunca lhe faltou em suas observações ao longo de seus trabalhos de pesquisa.

Em Sertão Alegre ele demonstra, aliás, com minúcias os costumes da vida camponesa, com seu espírito poético e criativo. E entre as poesias populares de que se compõe o volume, destacamos esta:

POBRE NÃO É GENTE

I

A vida da gente pobre
Padece, não tem altura...
A vida da gente rica
Arregada e tem fartura

II

O rico levanta cedo,
Toma café com mistura...

O pobre bebe garapa
Quase sempre sem doçura

III

A sobremesa do rico
Marmelada e rapadura...
O doce da gente pobre
Miolo de abóbora madura

IV

A roupa de gente rica
Fazenda boa que dura
O trapo de gente pobre
É só remendo de costura.

A gente simples e iletrada tem inegavelmente uma habilidade especial em dizer as coisas. Com que original artifício mnemônico os praiheiros fazem saber a época em que os caranguejos engordam - nos em meses em que não têm R: maio, junho, julho e agosto.

O velho Zezinho, vigia do açude de Parelhas, dizia que neste mundo há três vozes que estremeçam o homem: morte, prisão e casamento. Percorrendo-se o volume, percebe-se quão ingênuo e sem maldade eram aqueles homens viventes em contacto direto com a natureza.

Quando foi inaugurada a estátua em homenagem ao Padre Cícero, umromeiro irritado, olhando o bronze do monumento, desabafou: “isto é desaforo, meu padrinho Cícero num foi desta cor”.

Mais diante, registra Leonardo Mota outra passagem, prova cabal da ingenuidade do nosso caboclo.

Conta-se que, certo domingo, depois do almoço o Padre Vicente Bezerra, fazia sua sesta, quando alguém foi chamá-lo:

- Seu Vigário tem gente esperando vossa senhoria na matriz.
- Quem é? – Perguntou o vigário, certamente meio aborrecido.

O paroquiano respondeu:

- Os noivos.
- Quem são eles? Outra vez interrogou o Padre; respondeu o cristão:
- Os nomes não sei, não; só sei que a noiva é uma moça do Riacho Fundo e o noivo é um rapaz da Madeira Cortada.

Leonardo Mota ouviu dezenas de cantadores, ao longo do sertão e selecionou os nomes mais expressivos talvez, inclusive alguns desprovidos de visão, como o cego Aderaldo e outros, de renome nacional. Os cegos tocavam sua rabeça, e os demais eram violeiros. Tocavam eles como menestréis medievais, pondo o instrumento na altura do peito e não do queixo. Uma permanência denunciadora da indiscutível antiguidade.

Para Alceu Amoroso Lima, um dos maiores críticos literários desse século, Leonardo Mota teve o grande mérito de apresentar esses artistas ao Brasil, tirando-os do anonimato em que eles se encontravam.

Segundo Câmara Cascudo, Leota foi um processo incomprimível de exteriorização regional e consciente de permanência no solo, sentindo-se (é mais difícil que o nascendo-se) do Ceará pela exaltação de sua fauna e de sua flora, bárbara e sugestiva, de contadores, de violeiros, de anedotários, de alegrias serenas e pobres, aquelas alegrias públicas e oficiais.

Como se vê, o velho Machado como sempre, um dissecador da psique humana, pois sabemos que o risco do homem simples, do camponês que assiste diariamente ao investir dos redemoinhos, ao bulício da folhagem é espontâneo, descontraído, diferente, em todos os aspectos, do riso sufocado e reprimido, daqueles que, presos às etiquetas sociais sacrificam a naturalidade, característica marcante dos seres humanos.

“Leonardo Mota teria dois horizontes para seu voo: - o interesse pelo cearense sertanejo, comum, diário, obstinado em viver, l'uomo que *qualúnquer*, e o leve, mas constante travo de humor, em prosa e em verso, teimosa gota de orvalho na laje que o verão esbraseara”.

Esta gota de orvalho de que fala Cascudo sempre foi companheira dos velhos cavaleiros andantes pelas madrugadas do sertão seco e desafiante. Em pleno estio, com árvores despidas, crestadas pela canícula, cujas imagens parecem assemelhar-se a uma catástrofe ecológica, o viajante beneficia-se desse fenômeno que sepulta o torpor do espaço que lhe antecederá a partida.

Leonardo Mota, perlustrando os sertões, sentiu essa delícia que a natureza oferece em curto espaço de tempo ao homem vivente nos longínquos recantos de sua terra natal. Aqueles que residem de costas para o sertão, abraçados ao mar, nem sequer, imaginam os momentos poéticos, estéticos, que a natureza oferta, como recompensa entre os que desfrutam o clima da praia e da montanha, e aqueles que sofrem os rigores do solo queimante.

Mota analisou os temperamentos diversos, os jovens arrogantes, impetuosos, muitas vezes, arredios às situações locais, e o velho cantador que satirizava os costumes. Se não fosse ele, essa poesia saborosa e natural da alma popular que se verifica desde o título de suas obras teria morrido para sempre, mas ele destruiu a catacumba dessa beleza artística, cujo acervo, em nossos dias, é fonte de pesquisas para teses de concurso, de mestrado, doutorado, de Cátedra, como ocorreu com o ilustre cearense e

filólogo, Dr. Clóvis Monteiro, em 1933, quando disputou a Cátedra de Português no Colégio Pedro II, com a Linguagem dos Cantadores.

“Leite de Vasconcelos, em Opúsculos, volume II, página 58, afirma: a moderna língua dialetal é em parte conservação das primitivas fases, em parte evolução do que a literatura fixou em obras imorredouras, e quase sempre por consequência a vergôntea viçosa de um tronco fecundo e antigo. Nada mais de insultos contra ela. “E continua na página 77. É nestes textos populares que melhor se pode apreciar a linguagem do vulgo em todo o seu colorido emocional e ao mesmo tempo a sua naturalidade simples”.

Mello Moraes Filho diz que nos costumes nativos de nossas populações campesinas há uma face amena e pitoresca que verdadeiramente delicia o artista que se ocupa desses assuntos”. Em nosso entender trata-se de uma verdade, uma vez que é na intimidade desse povo inculto, na convivência com ele que melhor se pode estudar a nossa índole, nosso caráter nacional, deturpado nos grandes centros por uma pretendida e falsa civilização que tudo nos leva, desde as noites sem lágrimas até os dias sem combate”.

Não se diga que somos um povo sem tradição e sem passado e, além do mais, que não temos costumes próprios como qualquer nação do mundo desenvolvido. Temos uma cultura material e espiritual, com suas múltiplas variedades, em todas as regiões do país, que deve ser preservada, com denodo, antes que as forças alienígenas que embotam dia a dia a alma da nossa juventude, a reduza a cinzas dentro da nossa própria história.

Investigando-se pacientemente a obra de Leonardo Mota vemos que ele mesmo era o sertão, com seus mistérios, com sua mágica, com noites enluaradas, com suas canções nascentes, o caboclo ora pessimista, ora hilariante, dependendo da fisionomia da natureza que tem, de quando em quando, o poder de moldar as reações humanas. Ele podia, como poucos, neste país, afirmar como Montaigne: “Je suis moi même La matière de mon livre”. O seu testemunho, o legado que deixou aos estudiosos do passado, do presente e do futuro, é a história dos nossos conterrâneos sofridos, heróico que constroem sonhos, destruindo pedras.

Todos os trabalhos nascidos no seu intelecto ao vierem à tona receberam o apoio da crítica especializada, compondo peça fundamental e vital da cultura nacional. Foram vários, cuja essência não há sombra de dúvida, e, por isso, achamos desnecessários enumerá-los, analisá-los de per si, para não cansar a inteligência desta colenda assembleia. Resolvemos nos deter um pouco na obra *post mortem*, Adagiário Brasileiro, estudos de Paremiologia Comparada, obra desaparecida depois de seu falecimento, nas graças aos seus filhos Moacir e Orlando Mota, através de presciente trabalho de reconstrução que durou 15 anos, temos hoje à mão esse monumento cultural. Jamais se encontrou o original perdido, mas nos resta a esperança de que um dia a cultura brasileira sorria diante de sua ressurreição.

Por último, em 02 de janeiro de 1948, na Rua Joaquim Távora, um sobradão enchia-se de gente, e os sinos da Igreja do Sagrado Coração de Jesus tocavam, badalavam tristemente, Leonardo Mota havia falecido.

E creio que se tivesse escolhido sua inscrição tumular, diria: nasci e vivi no Ceará; e se Deus permitisse a minha volta, gostaria de viver nele, e, novamente morrer nele, neste torrão que tem o perfume da eternidade.